



VIDA FRANCISCANA

Reunião Geral de 18 de março de 2018

Fraternidade Franciscana Secular da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria - OFS

E-mail: porciuncula.ofs@gmail.com | Endereço: Av. Roberto Silveira nº 265, Icaraí, Niterói – RJ | CEP: 24230-151

Juventude Franciscana Porciúncula - JUFRA

E-Mail: jufraporciuncula@gmail.com

O Mistério Pascal: Sentido da Vida Humana

Eis-nos novamente prestes a celebrar o mistério maior do cristianismo: a Páscoa do Senhor. O tríduo pascal começará após a ceia onde o Filho será entregue por alguém mais próximo de seu grupo de discípulos. Em seguida, seremos convidados a contemplar sua dor quando é julgado, condenado e depois torturado, escarnecido, crucificado para, finalmente, morrer no suplício reservado aos marginais e bandidos, fora das portas da cidade.

Depois disso, porém, viveremos um hiato, um tempo feito de ausência e silêncio que desembocará então na celebração da Ressurreição daquele que foi crucificado e morto. Trata-se de uma festa de alegria, de vitória, de vida em plenitude. A liturgia é permeada de aleluias e cânticos de louvor, aclamando o Crucificado que venceu a morte e nos deu nova vida.

Mas a alegria da Ressurreição tem um preço e um custo. Trata-se da vitória de um Crucificado sobre uma morte cruel e violenta, na qual Deus diz ao mundo que o amor vence a morte. De que amor se trata? Não certamente do que os gregos entendiam por *philia*, amizade entre iguais, prazerosa e simétrica. O amor que levou Jesus à Cruz foi ágape feita de entrega e saída de si, de serviço desinteressado e generoso aos outros; assumiu a perseguição e a rejeição no próprio corpo e na própria vida até perder a vida para que outros possam tê-la.

Os primeiros cristãos, após o deslumbramento da experiência de verem vivo aquele que haviam contemplado morto, começaram imediatamente a narrar a Paixão do Crucificado. Com isso pretendiam penetrar um pouco mais naquele mistério aparentemente incompreensível de como o amor desemboca na dor mais profunda de que se tem notícia na história da humanidade, para terminar com uma vitória que não apaga o que foi sofrido e doído, mas o transfigura em missão e anúncio jubiloso. O seguimento de Jesus de Nazaré, reconhecido como o Senhor Exaltado, Cristo de Deus, foi sendo sempre mais entendido como uma experiência de paz e de alegria, mas da qual a dor não está ausente.

O mistério da Paixão, que tem como final não o túmulo e o nada, mas a ressurreição, vida nova e pujante, é o que a Igreja celebra neste tempo litúrgico. Em todos os significados, paixão é compatível com excesso, superabundância, seja de sentimentos, gosto, desgosto ou sofrimento. Não entra na zona dos meios termos, dos tons cinzentos, a paixão.[...]

Pois o Mistério Pascal nada mais é do que mistério de Paixão. Paixão de Jesus por Deus que é seu Pai e cujo desejo é preciso acima de tudo realizar. Ainda que doa, que custe, que mate. Paixão de Jesus - o filho do carpinteiro, o filho de Maria, que ia à Sinagoga e conhecia a Lei - pelo projeto do Reino de Deus. Projeto que exigia dedicação integral, que implicava anunciar uma Boa Notícia a tempo e a contratempo por cima dos telhados. Projeto de inclusão que chamava à mesa para a refeição os excluídos de toda espécie: doentes, leprosos, fariseus, publicanos, mulheres, crianças, prostitutas, ladrões. [...]

E ainda obedecendo à dupla paixão pelo Pai e pelo Reino enrijeceu o rosto e começou a caminhar para Jerusalém, seguido por apavorados e duvidosos discípulos que nada entendiam e cujo coração tardava em arder. Chegando à cidade onde haviam morrido tantos profetas, chorou. Derramou lágrimas de apaixonada compaixão que nada tinha de autocomiseração pelo destino que o aguardava. Mas sim de visceral dor por não haver conseguido reunir em seu misericordioso regaço os filhos de Sião que tanto amava.



E ali a Paixão de Jesus – pelo Pai, pelo Reino, por aqueles e aquelas que o Pai lhe dera – vai se converter no grande ritual, na grande liturgia da agonia e da morte, que terminará no Gólgota, na hora nona, trazendo as trevas sobre a terra. E ali, aos que o seguiram – e aos que com medo fugiram – será proposta uma nova chave de leitura para a Paixão. O convite é abrir o coração e a vida, para que a Paixão de Jesus se transforme em Paixão por Jesus. [...]

Viver a Semana Santa, portanto, é ouvir o convite para apaixonar-se. Nada tem de morbidez ou masoquismo tenebroso. Trata-se de um caminho luminoso esse que se descortina no Mistério Pascal. Luminoso porque é caminho de vida. Apesar da dor, apesar do sofrimento, apesar da morte que ninguém queria... é o caminho do amor. Pois sabemos o fundo mais profundo: se não tivermos algo pelo qual estamos dispostos a morrer... valerá a pena viver? Terá sentido uma vida que se resume à magra moral, raquíticos prazeres, insípida segurança, solitárias sensações? A Paixão de Jesus ensina que viver apaixonado é a única maneira de viver em plenitude.

A alegria pascal que celebraremos no domingo deve recordar-nos que seguimos um apaixonado que foi condenado à morte, crucificado pelos que odiavam a verdade e eram aferrados a seus privilégios. Nesse seguimento, alguma proporção de responsabilidade participativa nas dores e sofrimentos dos irmãos nos está certamente reservada. Assumi-la com confiança é o que nos cabe. Assim como esperar e acreditar que o Pai pronunciará sobre nossa vida a palavra definitiva da vida que não morre. Enquanto o Espírito derramará em nossos corações a alegria imorredoura que jorrou na noite luminosa em que o Messias venceu a morte e se manifestou vivo e glorioso aos seus.

Maria Clara Lucchetti Bingemer, doutora em Teologia (PUC-Rio)

Fonte: http://amaivos.uol.com.br/amaivos2015/?pg=noticias&cod_canal=47&cod_noticia=36925

Quando Francisco chama...

Nesse espaço, redescobriremos, no chamado ao carisma franciscano do nosso irmão, o nosso próprio chamado!



Eu nasci na cidade de Niterói, no bairro de Icaraí. Sou a primogênita de cinco filhos. Minha mãe foi professora e depois se formou em direito. Meu pai comerciante e depois se formou em direito. Eu cresci numa infância muito alegre e sempre fui muito atenta a tudo a minha volta. Desde pequena não aceitava tanta diferença social. Lembro-me de estar no colo de meu pai e quando vi um senhor deitado no chão falei para meu pai acordá-lo, para que ele fosse para sua casa dormir. Meu pai disse que ele não tinha casa e eu comecei a chorar e fiquei inconformada com aquilo. Tinha apenas dois anos de idade. Nunca brinquei de fazer piadas com as pessoas e nunca gostei de machucar bichinhos, pois para mim a natureza é dádiva de Deus! Pregar peças de tocar campainhas nas casas de pessoas... Fazer estilingue para atacar passarinhos... Nunca gostei disso! E assim passava como uma pessoa do contra! Eu sempre busquei a justiça e a verdade! Quando me aborrecia com as injustiças que as crianças faziam por eu ser diferente, corria para o campo de São Bento, que fora meu quintal particular, para conversar com as árvores, com Deus, com os patinhos... Minha mãe vinha me procurar sempre e certo senhor chamado Jorge, que guardava os brinquedos do parque dizia: “A fujona? Estou de olho nela... está no coreto”! E eu ia com minha mãe para casa, isso com cinco anos de idade.

Minha adolescência foi preocupante para meus pais, pois nunca gostei de baladas e peraltices. Ficava em meu quarto ouvindo e gravando músicas e chorava pelas coisas que aconteciam pelo mundo. Guerras, atrocidades... Tudo me fazia chorar e questionar: que mundo é esse? O que as pessoas estão fazendo com o presente de Deus? Foi à época em que me tornei artista plástica. Foi na minha adolescência, quando assisti ao filme poético da vida de Francisco e Clara de Assis, “Irmão sol e Irmã lua”, que fiquei perplexa com a nossa semelhança de ver a vida. Foi uma identificação total. Nessa época não existia Jufra e eu nunca tinha tido conhecimento da Ordem Franciscana Secular. Eu pensei em ser freira, mas meus pais não tinham como dar um dote e também não me incentivaram para isso. A vida seguiu seu curso... Minha irmã Lycia, em contato com meu primo Aloysio, fez a formação Franciscana Secular e depois de conhecer os seus novos irmãos, me senti também movida para fazer o mesmo.

Thais Maria Mello C. da Rocha, OFS



ANIVERSARIANTES DO PERÍODO			
MARÇO	20	Sandra Régia Guimarães de Souza	OFS
	24	Fernanda Bicudo Naldi	OFS
ABRIL	12	Hilda dos Santos Cordeiro	OFS
	13	Olympia Pellegrini	OFS
	16	Rosangela Maria G. Ley Menezes	OFS

Quem pode ser franciscano secular?

Um pequeno buquê de critérios vocacionais

T Francisco de Assis continua exercendo grande fascínio ainda em nossos tempos. Não somente os cristãos sentem-se por ele atraídos, mas todos aqueles que têm um coração reto e experimentam uma “saúde” interior de plenitude de vida. Há os que sem ingressarem em grupos religiosos seguem o Evangelho à maneira de Francisco. Assim, ao menos desejam segui-lo.

T Há os que buscam ou aos quais é proposto o caminho da Ordem Franciscana. Pensamos aqui nas famílias dos frades e das clarissas. Os leigos que pensam ser chamados pelos apelos franciscanos e procuram conhecer a Ordem Franciscana Secular. Buscam espreitar o modo como pessoas leigas vivem esse seguimento.

T Nossas fraternidades franciscanas seculares, como todas as realidades humanas, conhecem luzes e sombras. Estão espalhadas pelo mundo afora. São constituídas de homens e mulheres que buscam sair de uma vida cristã medíocre, rotineira, ritualística e desejam se encontrar de verdade com o Senhor Altíssimo e seu Filho amado. Não buscam apenas uma “piedosa associação religiosa”. Embora residam em territórios paroquiais seu horizonte não se restringe ao “paroquial”. De modo algum a Ordem Franciscana Secular pode ser considerada um “departamento da pastoral”. Ela é escola de santidade e plataforma para a missão.

T Podem ingressar na Ordem Franciscana Secular aqueles que, de alguma forma são “sacudidos” pela força e dinamismo do Evangelho vivo que se chama Cristo Ressuscitado, atuando no hoje do mundo. Depois de um tempo de estudo, reflexão, convivência na fraternidade, os irmãos pedem que sejam aceitos na Ordem por meio de uma Profissão: seguir o Evangelho de Jesus por toda a sua vida à maneira de Francisco, segundo a espiritualidade franciscana e clariana. São pessoas que estão sempre a caminho.

T Insistimos: os franciscanos seculares não são como que agregados ao esquema paroquial, embora muitas vezes suas reuniões se façam nas dependências paroquiais. Esta afirmação não significa que os franciscanos seculares não trabalhem nas atividades paroquiais. Ao contrário, eles precisam dar sua contribuição para o crescimento do Reino também nos serviços paroquiais e pastorais. Os irmãos franciscanos atuam na paróquia e na pastoral de maneira crítica, ou seja, filtram tudo com a clareza do jeito evangélico-franciscano. Sentem dificuldade em serem meros “funcionários” mesmo das coisas santas.

T São cristãos que vivem no mundo, na família, envolvidos pelo trabalho, sempre na qualidade de leigos sérios em constante processo de maturação. Aos poucos vão construindo sua identidade franciscana. Leigos professores, sapateiros, técnicos em informática, mães e pais de família, jovens e menos jovens, trabalhadores na construção civil, deputados e senadores. Uma fraternidade leiga sem as distinções que a sociedade civil costuma fazer. Leigos em fraternidade criando fraternidade e grupos que vivem a fraternidade. Não convém que ingressem na Ordem pessoas que no fundo buscam imitar ali a vida de religiosos consagrados ou mais se

aproximarem de serviços do altar. O lugar, o espaço, o seio dos franciscanos seculares é o mundo, tudo aquilo que constrói um universo novo nesse mundo laico marcado pela competição, abusos de toda ordem, corrupção.

T Podem ser chamados a fazer parte das Fraternidades Seculares cristãos que andam insatisfeitos com sua vida católica sem gosto e sem alma. Não querem fracassar na vida. São pessoas às quais o Cristo ressuscitado anda chamando: “Vem e segue-me”. Os melhores candidatos à vida franciscana não são os que já pertencem a outros grupos de espiritualidade e que estão imersos em incontáveis serviços pastorais. A Ordem precisa de pessoas que andam buscando as estrelas. São bons candidatos à vida franciscana secular pessoas com senso crítico diante de fatos, pessoas, comunidades. Os franciscanos seculares, por exemplo, não limitam sua vida ao devocional e ao assistencialismo e tomam distância do cristianismo de emoção. Buscam uma profunda união com o Senhor e desejam transformar o mundo com atitudes e posturas de promoção das pessoas.

T Podem ser chamados a ingressar nas fileiras da Ordem Franciscana Secular os que foram e continuam sendo tocados pelo espírito do Sermão da Montanha: desejam ser sal da terra, luz do mundo, fermento na massa; os que experimentam uma satisfação ou uma necessidade de rezar no quarto, com a porta fechada; os que quando solicitados além do manto dão também a túnica; os que não andam afoitamente em busca de honras e aplausos; os que não se contentam com as aparências mas buscam atingir o nó de tudo. Em suma, os franciscanos seculares procuram, como Francisco, uma vida diferente, são penitentes, em suas vidas o doce pode se tornar amargo e o amargo, doce.

T São aptos para fazer a caminhada espiritual no seio da Ordem Franciscana Secular os que desejam se desvencilhar de certas amarras: busca desenfreada de dinheiro e de bens, os que querem tomar distância de uma certa sociedade da rentabilidade, do lucro e que esquece os fracos e jogados à beira do caminho, distância de uma sociedade da indiferença, sociedade que usa as pessoas, descarta-as quando elas não “interessam” mais. Não estão de acordo com o regime ou império da provisoriedade, do não assumir compromisso. Os franciscanos seculares são críticos de uma sociedade que é criadora de robôs.

T Podem ingressar nas fileiras da Ordem Franciscana Secular os que valorizam a fraternidade, a vida em fraternidade, o mistério da irmandade. As células da Ordem Franciscana se denominam de Fraternidades. Como se visibiliza a Fraternidade? Há o “sacramento” da reunião geral e de outros encontros dos irmãos, da visita aos irmãos de dentro e de fora, de modo particular aos mais necessitados (doentes, presidiários, jogados à beira da estrada, etc). Sem um chamamento para viver a fraternismo fica difícil obter alguma êxito ingressando nas fileiras do Ordem Franciscana Secular.

Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM

Fonte: <http://www.franciscanos.org.br/?p=150131>

Reflexão sobre o tema da Campanha da Fraternidade 2018: “Superação da Violência” – Parte 2

O professor Robson Sávio Reis Souza, da PUC/MG e da Faculdade Jesuíta de BH (FAJE), é um dos colaboradores na redação do texto base da CF 2018. Doutor em Ciências Sociais e especialista em Segurança Pública, ele falou à Revista Bote Fé, das Edições da CNBB, sobre o tema da violência.

Há experiências de práticas sociais que apontam para o caminho da superação da violência?

Na busca pela paz, muito frequentemente, há uma ênfase ao combate à violência direta que, se eliminada, promoveria a paz. Disso resulta uma concepção entendida por alguns estudiosos como uma paz negativa (que, per si, pode inclusive ocultar injustiças que, muitas vezes, geram novos conflitos). Destaca-se aqui, portanto, a importância do enfrentamento não somente da violência direta, mas das violências estruturais e culturais, em busca de uma paz positiva e sustentável. [...]

Assim sendo, a construção da paz submete-se a diversos condicionantes, somente se podendo realizar na ação de muitos atores sociais — individuais e coletivos—, via micro e macro práticas democráticas que promovam o fortalecimento do Estado de Direito, a promoção dos direitos humanos, a participação e o controle sociais.

Portanto, o desenvolvimento de uma cultura de paz implica a ampla ação institucional, sobretudo no que tange ao Estado — e tem-se aí o papel importantíssimo dos governos e o envolvimento das instituições jurídicas — e, paralela e igualmente importante, a ação da sociedade civil, dos grupos e dos indivíduos, de modo a que instaure uma radical mudança nas relações sociais e políticas.

Em outras palavras, a construção de uma Cultura de Paz está intimamente relacionada à promoção da democracia e ao fortalecimento das instituições democráticas; ao desenvolvimento econômico e social sustentável, com garantia da participação de todos; à erradicação da pobreza e das desigualdades; à eliminação de toda forma de discriminação; ao respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais; à promoção da tolerância, da diversidade e da solidariedade.

Fonte: <http://cnbb.net.br/reflexao-sobre-o-tema-da-campanha-da-fraternidade-2018-superacao-da-violencia/>



19 de março: Solenidade de São José



Aos 8/12/1870, São José foi declarado Patrono da Igreja Católica pelo beato Papa Pio IX. O Papa Leão XIII (OFS) publicou uma histórica encíclica sobre o valor da devoção a S. José em 1889, concluindo com a oração “A vós, S. José, recorreremos”. S. Pio X (OFS) aprovou sua ladainha em 1909. Em 1955, foi declarado patrono dos trabalhadores por Pio XII (OP). Naquela década floresceu a josefologia, estudo teológico específico sobre o santo (James J. Davis...), que culminaria com o 1º congresso internacional (1970). Em 1961, o Papa João XXIII (OFS) fez dele “Padroeiro do Concílio Vaticano II”. Um dos mais importantes documentos eclesiais sobre S. José é a Exortação apostólica “O guarda do Redentor”, de 1989. Nele o Santo Papa João Paulo II sublinha que **Maria e José estão unidos numa fé heroica por acreditarem na Anunciação divina (n. 4), e que S. José “cooperou... com o grande mistério da Redenção” mediante o “exercício de sua paternidade” (n. 8).** O Diretório sobre piedade popular e liturgia (2002) observou que o costume de se honrar S. José às quartas-feiras remonta ao séc. XVII. Recentemente, em 2013, o Papa Francisco, que iniciou seu pontificado no dia de São José, mandou incluir o seu nome nas Orações Eucarísticas II, III e IV, acolhendo iniciativa anterior do Papa Emérito Bento XVI.

Adaptado de: <http://www.a12.com/academia/catequese/19-de-marco-solenidade-de-sao-jose>

Deus todo-poderoso, pelas preces de São José, a quem confiastes as primícias da Igreja, concedei que ela possa levar à plenitude os mistérios da salvação. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

(Oração da Liturgia das Horas)

Disse Jesus:

“Quando fordes revestidos de minha força e receberdes o Sopro de meu Pai, isto é, o Espírito Paráclito, e quando fordes enviados a pregar o evangelho, pregai também a respeito de meu querido pai José.”

(Do evangelho apócrifo *História de José o carpinteiro*, capítulo XXX, n. 3, entre os séculos IV e V no Egito)

NOTÍCIAS E AVISOS

REUNIÃO GERAL – Anote na agenda: nossa próxima reunião geral será no dia **15 de abril**. Aguardamos você para mais esse indispensável momento de convívio!

IRMÃ ÁGUA – De 17 a 22 de março, ocorrerá em Brasília (DF) o Fórum Alternativo Mundial da Água (FAMA) 2018. Essa iniciativa, que conta com o apoio da Ordem Franciscana Secular e da Família Franciscana do Brasil, visa discutir a questão da água não como mercadoria, mas como bem comum de todos os seres vivos. Mais informações sobre o evento podem ser obtidas no link <http://ffb.org.br/forum-alternativo-mundial-da-agua-fama-2018.html>.

VIA-SACRA – A nossa fraternidade teve uma bela participação na celebração da Via-Sacra, em nossa paróquia. Lembramos que a última celebração será no dia 23/03, com início logo após a Missa das 18 horas.

SEMANA SANTA – Ressaltamos que a programação da Semana Santa na Porciúncula teve modificação no horário tradicional de duas celebrações: A Missa da Ceia do Senhor, na Quinta-feira Santa iniciará às **19h**, seguida de Vigília Eucarística; e a Solene Vigília Pascal do Sábado Santo terá início às **18h30min**. Todos os horários podem ser conferidos no site da paróquia ou no folheto especial. Participemos dessa semana tão significativa!

DIA DO ENFERMO – Alguns irmãos da fraternidade visitaram nossos irmãos do SEI, aceitando o convite para melhor rememorar o Dia Mundial do enfermo, celebrado em fevereiro. Que estejamos cada vez em maior número a participar dessas visitas, que são tão importantes aos irmãos que se encontram impossibilitados de conviver conosco!



As irmãs Maria Nicia e Lycia visitam nossa irmã Hildegardes (à esq.); e as irmãs Carminha e Mariléa visitam nosso irmão Joelmo (à dir.)



CÍRCULO BÍBLICO – O círculo bíblico se reúne todas as quintas-feiras após a missa das 8:00h. Nossas irmãs Gilda e Marly nos esperam na sala da OFS, com reflexões sobre as leituras dominicais.

CALENDÁRIO OFS E JUFRA 2018

MARÇO

QUI	22	Círculo Bíblico após a missa das 8h
SEX	23	MISSA DA OFS – 18H
DOM	25	DOMINGO DE RAMOS

ABRIL

DOM	01	DOMINGO DE PÁSCOA
QUI	05	Círculo Bíblico após a missa das 8h
SEX	06	MISSA DA OFS – 18H
DOM	08	RITO DE COMPROMISSO FRANCISCANO DOS IRMÃOS DA JUFRA – MISSA 19h30
QUI	12	Círculo Bíblico após a missa das 8h
SEX	13	MISSA DA OFS – 18H
DOM	15	REUNIÃO GERAL DA OFS



**FRATERNIDADE FRANCISCANA SECULAR DA IMACULADA CONCEIÇÃO DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA
JUVENTUDE FRANCISCANA PORCIÚNCULA**

EXPEDIENTE - BOLETIM VIDA FRANCISCANA: Fraternidade Franciscana Secular da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria e Juventude Franciscana - Fraternidade Porciúncula. **Ministra:** Marlucia Alves. **Vice-Ministra:** Thais da Rocha. **Coordenadora de Formação:** Thais da Rocha. **Tesoureiros:** Fernanda Olmi e Fernando Santos. **Secretária:** Lycia da Rocha. **Coordenadoras de Comunicação:** Fernanda Naldi e Priscilla Mansano e Castro. **Coordenadora do SEI:** Maria Carmem Rodrigues. **Assistente Espiritual da OFS:** Frei Luiz Henrique. **Animadora Fraterna da JUFRA:** Priscilla Mansano e Castro (interina: Heloísa Vargas). **Secretária Fraterna da JUFRA:** Joana D'Arck Caldas

<http://www.porciunculaofs.com>